BOLETIM

PROEALC

Centro de Ciências Sociais / CCS - Julho-Agosto-Setembro de 2009 - ISSN 2175-9103 44

Boletim Número 44
Data: Julho-Agosto-Setembro/2009

EDITORIAL

O Boletim PROEALC apresenta nesta edição a agenda de suas exposições acadêmicas na UERJ SEM MUROS e convida todos os interessados nos debates apresentados no evento a compartilhar conosco deste momento. Também nesta edição, o leitor poderá encontrar nas diferentes seções do periódico artigos fundamentais para o conhecimento de temas do momento que estamos atravessando. Esperamos que a leitura possa contribuir para o desvendamento de questões importantes das sociedades contemporâneas e convocamos os leitores a enviarem matérias que promovam essa proposta de trabalho.

Boa Leitura,

Profa. Silene de Moraes Freire

DESTAQUE

PROEALC na 20ª edição da UERJ SEM MUROS

Entre os dias 05 e 09 de outubro de 2009, a equipe do Programa de Estudos de América Latina e Caribe (PROEALC) participará da 20ª edição da UERJ SEM MUROS, evento promovido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) a fim de apresentar a produção que tem desenvolvido no campo das esferas do ensino, da pesquisa e da extensão, buscando ir além dos "muros" da Universidade, o que deve ser de fato o compromisso da universidade pública. Como um Programa de Extensão, o PROEALC tem contribuído para fazer avançar o conhecimento e exercido a reflexão crítica diante da produção do mesmo, o qual por sua vez deve ser socializado à população de modo geral. Com este espírito a equipe do PROEALC se apresentará em três modalidades que ocorrerão simultaneamente na UERJ SEM MUROS. Seguem abaixo os trabalhos a serem apresentados, sob orientação da Coordenadora do PROEALC, Profa. Dra. Silene de Moraes Freire:

9ª Semana de Graduação:

"Hegemonias e Emancipações na América Latina Contemporânea". Apresentação em 06/10/2009.

Bolsistas: Daniel Gomes de Sá - Extensão
Priscila Pereira da Silva Alves – Estágio Interno Complementar

"O aviltamento dos direitos das crianças e dos adolescentes no Brasil contemporâneo". Apresentação em 06/10/2009.

Bolsistas: Glaucia Almeida dos Santos – Extensão
Fernanda Aguiar de Melo – Incentivo a Graduação

"A importância da monitoria no apoio ao ensino de graduação". Apresentação em 06 de outubro de 2009.

Bolsista: Mariana Fernandes Taboza Rodrigues – Monitoria

"Midiatização da violência e criminalização da pobreza: elementos para o debate". Apresentação em 06/10/2009.

Bolsistas: Elaine de Souza Mello – Estágio Interno Complementar
Simone Ramos de Queiroz Silva – Estágio Interno Complementar

"A necessidade punitiva do discurso neoliberal em países do Cone Sul". Apresentação em 06/10/2009.

Bolsistas: Ítalo Pires Aguiar – Estágio Interno Complementar
Mónica Brun Beveder – Extensão

18ª Semana de Iniciação Científica:

"Política de Segurança Pública hoje: avanço ou retrocesso?". Apresentação em 05/10/2009.

Bolsista: Ana Carolina Brandão Vazquez – IC-FAPERJ

"Estado, Direitos Humanos e Conflitos Sociais: a questão social como caso de policia". Apresentação em 05/10/2009.

Bolsistas: Danielle Fernanda Maciel Luciano – PIBIC-CNPQ
Viviane de Souza Baptista – PIBIC-CNPQ

"Controle social, sistema punitivo e questão social no Brasil 'a história se repete como farsa'". Apresentação em 05/10/2009.

Bolsista: Maria Clara de Arruda Barbosa – PIBIC-CNPQ

13ª Mostra de Extensão:

Exposição do projeto: "Direitos Humanos na América Latina Contemporânea", com a presença de toda a equipe do PROEALC. Apresentação em 07 de outubro de 2009

Em Foco I



Entrevista com Ricardo Antunes sobre o papel dos sindicatos e a crise

"As principais centrais sindicais, a CUT e a Força Sindical, por caminhos diferentes, se mostraram despreparadas para resistir a esta crise com a intensidade que ela veio" tem tido uma clara posição em relação à crise e não negocia perda de direitos porque os trabalhadores não têm culpa sobre a atual crise. O capital quer "matar dois coelhos numa só tacada", ou seja, a crise e ainda fazer uma brutal reestruturação produtiva que significa destruir ainda mais os direitos dos trabalhadores, reduzindo o contingente de trabalho, os direitos e permitindo, através da pressão pela flexibilização das leis trabalhistas, que não só os terceirizados sejam

demitidos, mas que demissões em massa sejam realizadas sem que isto onere a empresa. Em síntese: em geral, as principais centrais sindicais, a CUT e a Força Sindical, por caminhos diferentes, se mostraram despreparadas para resistir a esta crise com a intensidade que ela veio. O mesmo não aconteceu com a Conlutas. Os sindicatos ligados à Conlutas, à CUT e à Força Sindical, pela pressão das bases, têm procurado oferecer alguma resistência. Para mim, as coisas estão funcionando da seguinte forma: as empresas chegam com um punhal, apontam no peito do trabalhador e nas costas colocam a parte afiada de uma espada na nuca e perguntam tais trabalhadores assalariados: "Você prefere uma apunhalada pelo coração ou uma espadada pela nuca?". Se um sindicato está junto com o trabalhador, mostra que as empresas estão querendo tirar vantagem, isso não acontece dessa forma.

IHU On-Line – E como o senhor vê a atuação das centrais sindicais diante dos empréstimos do governo às empresas privatizadas?

Ricardo Antunes – A Embraer lucrou milhões e milhões de dinheiro nesses anos como empresa privatizada. A Vale do Rio Doce tornou-se a mais importante produtora de minérios do mundo, ela acumulou um volume incalculável de dinheiro. O mesmo se deu com a Companhia Siderúrgica Nacional. Por que agora, ao invés de penalizarem os trabalhadores, elas não são forçadas a penalizarem os seus lucros. É hora não de cortar trabalho ou direito do trabalho, mas sim de cortar e reduzir a taxa de lucro. Todas essas empresas são ex-empresas públicas, que foram privatizadas em condições que a razão desconhece. Os sindicatos deveriam lançar uma campanha pela reestatização da Embraer, da Vale e da CNS. Mas, frente a essa crise, estão prestando um desserviço ao país na medida em que fazem o que é mais fácil.

IHU On-Line – Por que as centrais sindicais e os próprios sindicatos não fazem isso?
Ricardo Antunes – Grande parte dos sindicatos tem uma política tímida, sem organização de base junto aos trabalhadores, sem dar importância à resistência de classe e acabam entrando no esquema do punhal e da espada. Eles começam a discutir qual é o menos ruim: a punhalada ou a espadada. Nós precisamos sair desta armadilha! Não é aclasse trabalhadora que irá pagar por uma crise cuja responsabilidade não é sua. Não foi a classe trabalhadora que fez os saques dos capitais fictícios, que pegou dinheiro das empresas e aplicou na ciranda financeira, que criou um mundo que se prolonga na produção e que atinge essa ciranda financeira mundial. Então, por que a classe trabalhadora deve pagar o ônus da crise? É importante que os trabalhadores encontrem nos seus sindicatos e nas centrais sindicais uma ferramenta que lhes dê apoio e suporte para resistir. Se não fizerem isso, o gerente da empresa vai dizer: "Ou vocês aceitam a redução da jornada de trabalho e a redução de salário ou serão demitidos".

IHU On-Line – Quer dizer que, de certa forma, os sindicatos perderam o vínculo com suas bases?
"O flagelo maior da classe trabalhadora é o desemprego"

Ricardo Antunes – O flagelo maior da classe trabalhadora é o desemprego. Não há coisa pior para a classe trabalhadora. Ela pode ter empregos precários, mas pior ainda é o desemprego. Então, neste momento, a maiorira dos sindicatos não têm mostrado a situação real das empresas, que elas estão escondendo informações e estão jogando a crise em cima dos trabalhadores. Assim, as empresas aproveitam a situação para fazer uma nova reestruturação produtiva contra os trabalhadores. O mundo das empresas é uma verdadeira guerra, por isso elas fazem essa política de custos penalizando os empregos e os trabalhadores. Os sindicatos que não avançam nessas bandeiras mais confrontacionistas é porque perderam o vínculo com as suas bases. Assim, tornaram-se cupulistas, institucionalistas, governistas, dependem dos FAT's, do imposto sindical. Nesta hora, suas ações mostram sua fragilidade. Os sindicatos que mantiveram vínculos com as bases e algum nível de organização têm conseguido resistir mais. Os outros, que seguiram o caminho da burocracia, estão em maus lençóis.

IHU On-Line – Professor, por que a luta dos trabalhadores, na década de 1980, parecia tão real e, hoje, certas vezes, parece um pouco utópica?

Ricardo Antunes – De 1990 para cá, o mundo virou de cabeça para baixo. Houve crise estrutural do sistema capitalista, reestruturação produtiva de amplitude global, neoliberalismo criando o ideário da privatização e da financeirização, flexibilização/destruição/precarização da classe trabalhadora, altos índices de informalidade em escala mundial, o fim da URSS e o "fim do socialismo" (como considerou a mídia). Todo esse caldo cultural, nos anos 1990, trouxe transformações muito profundas. E, fundamentalmente, do neoliberalismo e da reestruturação produtiva vieram as ideias de que o trabalhador não é mais um trabalhador, mas sim um

colaborador. Cada colaborador deve por si resolver os seus problemas. Instaurou-se, desse modo, uma competição infernal dentro das fábricas para calcular justamente qual trabalhador é mais competitivo do que o outro. Ou seja, criou-se um exército de trabalhadores e trabalhadoras terceirizados com poucos ou mesmo sem direitos e não trouxe o temor do desemprego. Seria impossível que este conjunto de elementos que menciono aqui não afetassem a organização, a consciência e os projetos da classe trabalhadora. Por isso, tenho dito, já há algum tempo, que estamos desafiados a compreender a nova morfologia do trabalho.

IHU On-Line – E os sindicatos têm espaço entre essa nova classe trabalhadora?

Ricardo Antunes – Neste novo desenho da classe trabalhadora, é evidente que existe espaço para os sindicatos. Esses, afinal, são uma ferramenta do trabalhador e ele precisa dela nesses momentos. A classe trabalhadora precisa dos sindicatos sempre, especialmente nessas situações críticas. No entanto, qual é o sindicato que ela precisa? Osindicato da conciliação? O sindicato negocial? Ou o sindicato da defesa vigorosa dos seus direitos? Veja bem: muitas pessoas dizem que o sindicato precisa negociar, afinal a situação é difícil para as empresas. Então, as empresas vêm aos sindicatos e dizem: vamos desempregar, reduzir salários, flexibilizar. Mas os sindicatos devem apresentar o oposto: o momento é de corte nos lucros, de diminuir os ganhos do capital, porque o direito ao trabalho é um direito sublime, constitucional. Como é que mais de 80 milhões de pessoas que constituem a classe trabalhadora ativa brasileira vão sobreviver se não tiverem o direito sublime do trabalho.

Nós nem estamos discutindo agora as condições e dignidade desse trabalho, mas precisamos preservar a existência do trabalho. Os capitais acham que discutir a redução de jornada com redução de salário é normal para o trabalhador. Pois bem, os sindicatos devem apresentar essa contraproposta: redução da jornada de trabalho sim (aliás, há muito que os sindicatos defendem isso) e dizer não à redução dos salários! Essa é a contraposição. Assim é que o patronato vai perceber que a coisa não é tão fácil. Quando a Embraer demitiu esses funcionários, a Justiça do Trabalho pediu explicações, que a empresa está se negando a dar. A Justiça do Trabalho está exigindo que a Embraer justifique porque ela está demitindo e qual é a situação, pois a empresa não está falindo. Se a Embraer está numa situação tão desesperadora, que ela seja reestatizada de novo, como está acontecendo com os bancos e outras empresas na Europa.

O governo deveria ser mais ousado e corajoso e dizer para a Embraer que, se a situação está tão difícil, é necessário fazer com que a Embraer (e também a Vale do Rio Doce) volte a ser estatal. A General Motors e todas as outras empresas que dependeram de auxílio público não podem demitir. O governo deveria ser muito mais ousado. Repare nas ações que os governos venezuelano e boliviano vêm tomando. São medidas muito mais corajosas e ousadas do que adotadas pelo governo Lula. Frente ao desabastecimento, as empresas boicotando na Venezuela a produção do arroz, o governo Chávez interveio nas empresas e passou a ter o controle. A mesma coisa aconteceu no governo Morales. Quando foi eleito e percebeu uma exploração intensificada da Petrobras e de outras empresas de petróleo em relação ao seu gás, o governo nacionalizou o recurso. É mais ou menos esse o desenho que temos que fazer aqui no Brasil.

O governo Lula reduziu o IPI para a produção de automóveis. Mas devia tê-lo condicionado, ou seja, só teriam redução de IPI as empresas que não demitissem nenhum trabalhador. Evidentemente, esse governo passa longe disso, porque é um governo de conciliação, que tenta garantir os fortes interesses do capital, da parcela mais pobre do país de forma assistencialista e não toca nos pilares da barbárie brasileira. A alternativa é dos sindicatos, das lutas sociais, dos movimentos dos trabalhadores e sociais. Nós estamos vendo agora, paralelamente a isso, uma campanha brutal de demonização e criminalização do MST. Num país onde a corrupção e o desmando é a regra, temos de ouvir e aceitar que o MST é o culpado por receber indevidamente verbas públicas. Este é o cenário conservador que estamos vivendo hoje, e as empresas se utilizam dele. Daí a necessidade de se retomar um sindicalismo compatível com o século XXI, que compreenda a nova morfologia do trabalho e que a situação atual está colocando as questões vitais na mesa. Veja a situação estrutural que em que nos colocamos: se as empresas continuarem, demitindo o "Precisamos saber para qual sociedade estamos olhando" desemprego chegará a níveis brutais.

O desemprego chegará num nível ainda mais agudo. Se a produção for retomada, ou seja, se, por algum motivo, tivermos no próximo período uma retomada da produção – o que eu, particularmente, não acredito –, viveremos um aquecimento global insuportável. Assim, “se correr o bicho pega, se parar o bicho come”, porque se produzir mais a lógica destrutiva e descontrolada descompensará ainda mais o nosso modo de produção e de vida. Se continuar desempregando, penaliza os trabalhadores. Isso obriga, então – por isso que é uma crise estrutural, muito mais do que uma crise do capital financeiro –, os sindicatos a fazer algumas coisas: compreender a nova morfologia do trabalho e suas questões vitais, lutar pelas reivindicações contingentes e imediatas. É preciso começar a refletir sobre como devemos iniciar uma discussão mais profunda em direção a construir um novo modo de vida e produção que dê sentido a humanidade. Essa é uma questão vital. Alguns sindicatos, passada a paralisia da última década e meia, começam a perceber que precisamos voltar a ter uma

discussão mais profunda sobre os caminhos da sociedade, para além das questões do dia-a-dia (maior ou menor salário, maior ou menor direito etc). Precisamos saber para qual sociedade estamos olhando.

Fonte: Instituto Humanitas Unisinos - http://www.unisinos.br/ihu/

Em foco II

A Direita Argentina e o espectro Bolivariano

Atílio A. Boron*

"Nos últimos anos, a relação argentino-venezuelana tem registrado um significativo crescimento no terreno da economia, bem como um importante avanço em matéria política. É por isso que a cada vez mais reacionária direita Argentina bradou ante as nacionalizações dispostas pelo governo bolivariano em cumprimento a um plano largamente anunciado, ratificado eleitoralmente e coerente com o processo de transformação em curso na Venezuela.

A reação histérica da direita leva a várias observações. Em primeiro lugar, como contestar o direito inquestionável do governo venezuelano - na verdade, de qualquer governo -, de dispor da expropriação de empresas consideradas estratégicas para um projeto de desenvolvimento nacional e cujo desempenho não pode ser libertado da ditadura do capital e seu insaciável desejo de lucro?

Contrariamente ao que pensam os homens de Neanderthal, que compartilham sua caverna com Mario Vargas Llosa e seus asseclas, a nacionalização das empresas não foi uma invenção do populismo latino-americano, mas dos governos social-democratas e trabalhistas do período entreguerras e, sobretudo, do período aberto após o final da Segunda Guerra Mundial, e teve resultados extraordinários. Com efeito, os resultados destas políticas de nacionalização sobreviveram em muitos países europeus até hoje. Por que prescindir de semelhante ferramenta?

Em segundo lugar, a formidável expansão da intervenção estatal nos mercados pode assumir diferentes formas. Nacionalizações são uma delas; outras são as políticas de resgate empresarial dispostas por governos tão "revolicionários" e "esquerdistas" como os de Barack Obama e Gordon Brown, que destinaram cifras perto de US$ 1 bilhão para salvar bancos, financeiras e empresas industriais, introduzindo um certo grau de controle público em suas operações.

Os porta-vozes da direita - sempre tão obcecado por preservar o funcionamento dos mercados de qualquer ingerência estranha, como a que pode exercer um Estado democrático - recorreram em massa a Caracas para criticar Chávez por suas nacionalizações e para denunciar publicamente a sua curiosa ditadura - curiosa porque ele ganhou em 14 das 15 eleições realizadas desde 1998 e também porque permite que os ultramontanos debulhem sua pregação destituinte sem quaisquer restrições, inclusive sendo convidados a discutirem com outros intelectuais em nada menos que no Alô Presidente.

Mas rechaçaram o convite porque os ideólogos da direita são bons para pontificar ante os meios de comunicação do establishment, mas se acovardam invariavelmente na hora de discutir com os intelectuais de esquerda.

Na sua incurável incongruência, estes zelosos guardiões da liberdade são "socialistas" na hora de socializar os prejuízos das empresas, enquanto agem com estreito individualismo, quando se trata de embolsar lucros.

Este duplo modelo da direita não é novo: denuncia com tom apocalíptico ameaças à liberdade e aos direitos humanos em países como Venezuela, Bolívia e Equador, mas nem as tortura encomendadas pela Casa Branca, nem os vôos secretos para trasladar prisioneiros ou as atrocidades de Guantânamo ou Abu Ghraib sucitam nela a menor preocupação. O mínimo que se pode concluir é que a direita é moral e intelectualmente desonesta.

Em terceiro lugar, o furor antichavista, exacerbado ao ritmo da atual campanha eleitoral, não conseguiu esconder que a Venezuela e a Argentina são duas economias altamente complementares, o que facilita a sua crescente integração. Não é assim entre nosso país e o Brasil, por exemplo, que está deslocando dos mercados internacionais a insipiente presença dos nossos produtos agrícolas.

Por isso, o intercâmbio comercial com a Venezuela tem crescido significativamente e é do maior interesse da Argentina fortalecer esta relação e, também, exigir de Brasília que, de uma vez por todas, permita a plena incorporação da Venezuela ao Mercosul. Com isso, se encerraria um triângulo de ouro, integrando três países com perfis macroeconómicos altamente complementares em matéria alimentícia, industrial e energética, o que

não só robusteceria a cada um deles, como também a toda a região, em momentos em que se revigora a crise capitalista.

Com um acréscimo: a incorporação da Venezuela bolivariana dotaria o Mercosul de uma visão geopolítica vital que está ausente em um processo de integração ainda dominado pela lógica e os valores do neoliberalismo. Tudo isso, evidentemente, é uma má notícia para o imperialismo, cujo último desejo é uma América Latina economicamente fortalecida. Daí o grande esforço da direita para manter a Venezuela fora do Mercosul.

Por último, não pode ser ignorado que, em todos os casos que ocorreram nacionalizações, Caracas esteve sempre disposta a retribuir com a indenização para as empresas afetadas. As empresas que, como antes a Sidor, violavam leis trabalhistas e não cumpriam compromissos assumidos com o governo, o que acrescenta novos elementos para justificar a sua expropriação.

Apesar do coro desafinado que unificou vozes tão discordantes como a UIA, o dirigente da CGT (que assombrou o mundo, declarando que as nationalizações não eram o que havia ensinado Perón, gestor gestor das mais importantes jamais realizadas na história argentina) e os meios de comunicação de massa - verdadeiro intelectual orgânico que articula o fragmentado, incoerente e desunido espaço da direira argentina -, o promissor caminho aberto pela crescente vinculação entre a Argentina e a Venezuela não será encerrado pela gritaria de ontem."

* Doutor em Ciências Políticas e Professor de Teoria Política da UBA - Universidade de Buenos Aires.
Fonte: http://democraciapolitica.blogspot.com/2009/07/atilio-boron-direita-argentina-e-o.html

Espaço Aberto

Marcas do Abuso Sexual

Fernanda Aguiar de Melo*

Resumo: Pessoas que sofrem abusos na infância, seja ele cometido por violência física, verbal ou sexual, levam essas marcas por toda à vida. A agressão sexual é muito mais comum do que se pensa, denuncia ou é divulgado pela mídia. Tanto em meninas quanto em meninos, e o pior é que isso geralmente é causado pelos próprios pais ou pessoas próximas a vítima.

Palavras-chave: abuso sexual, traumas.

Pessoas que passam por traumas durante a infância, proveniente principalmente de conflitos familiares, dificilmente conseguem construir uma família saudável e feliz, elas conseqüentemente formam famílias problemáticas (ocorrendo um ciclo).

Elas têm dificuldades de se relacionar com outras pessoas. São inseguras e temerosas. Ora, se não tiveram apoio e proteção daqueles que deveriam guardá-las, seus chamados responsáveis, os pais, em quem mais elas poderiam confiar? Se não tiveram amor e carinho durante a construção da sua identidade, como poderiam repassar esses sentimentos que jamais receberam?

O incesto recebe o caráter do pior tipo de abuso sexual, pior até do que o abuso sofrido em ambiente extrafamiliar (aquele que provavelmente ocorre uma única vez por um desconhecido), pois, o incesto acaba-se tornando recorrente. Essas vítimas têm o sentimento de desamparo, de estar em constante perigo, já que convivem com seu abusador, e muitas vezes se culpabilizam, como se elas estivessem pagando por algo que tenham feito ou deixado de fazer. Seguido dos sentimentos/ comportamentos de isolamento, marginalização, ansiedade, depressão, vergonha e até atitudes suicidas.

Na fase adulta, as pessoas costumam ser anti-sociais e podem ter diversos distúrbios. Algumas chegam a ter problemas com vícios, pois, vivem em constante fuga da realidade e buscam nas drogas ou álcool um meio de adormecer suas lembranças, encorajar na tomada de decisões, afastarem o medo, e assim amenizar sua dor. Além da crise de orientação sexual (principalmente em meninos) gerando comportamentos homossexuais.

As Pessoas que são abusadas sexualmente costumam se isolar, inclusive do próprio parceiro, tendo sérios problemas relacionados à sexualidade e até a perda dela. Pois ligam os atos sexuais com os abusos sofridos, tem constantes recordações, os chamados *flashbacks*, através de vozes e visões do período em que eram molestadas. Por causa desses transtornos muitas pessoas não conseguem realizar seus atos sexuais devidos aos bloqueios que ocorrem como se estivessem sofrendo novos ataques. Isso ocorre pelo sentimento

de mal estar e sufocamento, por isso se afastam num contexto de preservação. Perdem também a sensibilidade e a capacidade de amar, ou seja, ficam incapazes de distinguir sexo de afeto. Tornam-se figuras fragilizadas e com baixa auto-estima.

As pessoas ficam passivas, com graves danos psicológicos, que são gerados pelos efeitos desagradáveis da agressão. Aqueles que são expostos a esse tipo de trauma, além da lesão física causada (na maioria das vezes quando ocorre o estupro, devido à resistência, as vítimas costumam apanhar), por esses motivos, elas também podem desenvolver uma série de síndromes e patologias. Podendo, muitas vezes, chegar a depender de acompanhamento médico e tratamento medicamentoso contínuo. Ratificando, os principais danos à saúde são os psicológicos, até mesmo o risco de uma gravidez, obtenção a DST's, dentre outros.

Referente à questão da auto-condenação, ela é absorvida pelo indivíduo na maioria das sociedades em que ainda prevalecem os princípios moralistas e machistas. Apesar da maioria dos casos de abuso sexual ocorrem em mulheres, estes também estão presente entre os homens, a diferença é que devido a alguns fatores como o já citado do machismo e pela vergonha, eles também se calam, uma das maiores diferenças dos abusos entre homens e mulheres é que no caso dos homens a maior parte dos abusos ocorre na infância, quando ainda não existe o senso de discernimento e defesas destes, enquanto nas mulheres eles começam na infância e muitas vezes permanecem na idade adulta. A legislação brasileira considera o abuso sexual em homens atentado ao pudor.

Vale citar, a forte angústia sofrida pelo desejo reprimido de vingança devido ao silêncio que lhes é imposto, já que não existe uma garantia caso as vitimas denunciem os atos aos que são expostas, podendo inclusive ter o seu quadro agravado. Muitas vezes no ambiente familiar a revelação não é feita por questões de tradição da família e da honra que deve ser mantida junto à sociedade. Essas vítimas ficam na esperança da libertação, mas não conseguem exprimir seus anseios, suas palavras se calam no silêncio do medo. Cabe citar a frase de Clarice Lispector para descrever tais sentimentos:

> *"É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo".*

Portanto, um conjunto de valores é destruído, a vida da criança fica completamente conturbada, tanto a curto como a longo prazo, ou seja, na fase adulta. Ocorre um bloqueio danoso e uma confusão dos sentimentos causando insegurança e medo. A construção da sua identidade sofre inúmeros danos, a vítima perde a opção da escolha, da descoberta, perde o seu próprio eu, e seus males costumam ser permanentes.

Bibliografia:

PENN, Peggy. Flashback de estupros: construindo uma nova narrativa. *Nova perspectiva Sistêmica – Instituto de Terapia de família RJ*. Ano VIII. Número 15. Dezembro 1999. p. 06-22.

GIDDENS. Anthony. A Transformação da Intimidade – *Amor, Sexo e Outros Vícios* - Unesp, 1993. p. 77-123. SP,

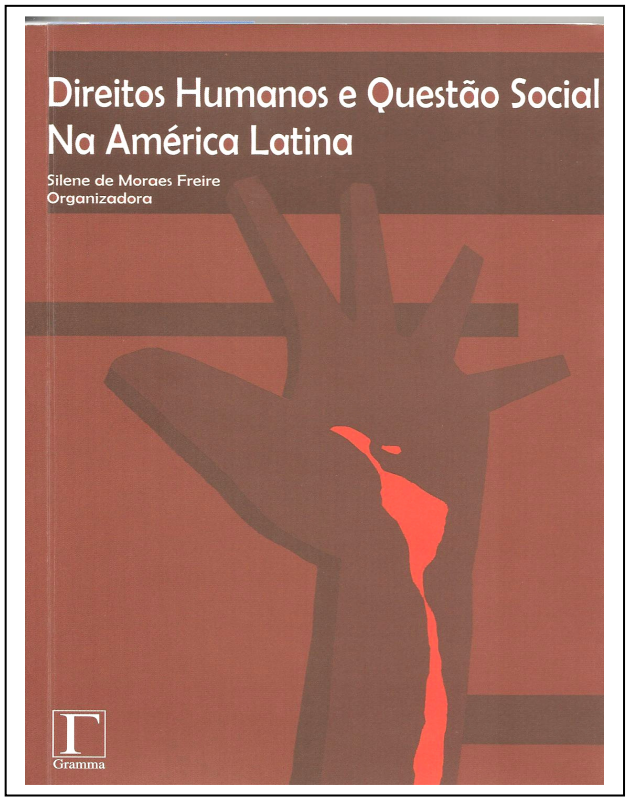
Filmografia:

ABUSO SEXUAL

* Estudante do 6º período do curso de Serviço Social da UERJ e pesquisadora do PROEALC da linha de Direitos Humanos na América Latina.

Livros / Lançamentos

Lançamento do Livro Direitos Humanos e Questão Social na América Latina dia 20/9/09 na Bienal Rio-Centro.



Participaram desta publicação organizada por Silene de Moraes Freire autores de reconhecida produção acadêmica na área, tais como: José Paulo Netto, Silene Freire, Carlos Juárez Centeno, Edson Passetti, Estela Scheinvar, Gaudêncio Frigotto, Jorge Saboya, José Manuel Grima, Maria Cristina Leal, Jane Santos, Márcia Nogueira, Maria Quartin de Moraes, Marildo Menegat, Miguel Serna, Ricardo Cesar Costa, Irene Rizzini, Guadelupe Bertussi, dentre outros.

Venda do livro pelo site: http://www.grammanet.com.br/



Campus-Elsevier e Livraria da Travessa
convidam para o lançamento do livro de

LIER PIRES FERREIRA
RICARDO GUANABARA
VLADIMYR LOMBARDO JORGE
Organizadores e demais autores

Prefácio de J.J. Gomes Canotilho

Dia 13 de agosto de 2009, quinta-feira, às 19h

Local: Livraria da Travessa
Av. Rio Branco, 44 – Centro - Rio de Janeiro
21 2519-9000

ELSEVIER CAMPUS JURÍDICO LIVRARIA DA TRAVESSA

Agenda Acadêmica

33º Encontro Anual da ANPOCS

Período: 26 a 30 de outubro de 2009
Local: Caxambu, MG
Inscrições: Conforme Orientações constantes na página do evento

"Estrategias contra la pobreza: alternativas desde el Sur"

Seminario en Buenos Aires, Argentina. 1º al 3 de diciembre de 2009. Nueva fecha para la presentación de resúmenes de ponencias: 19 de Octubre de 2009.

El Programa CLACSO-CROP de estudios sobre pobreza en América Latina y el Caribe, conjuntamente con el Centro de Estudios sobre Población, Empleo y Desarrollo (CEPED, Facultad de Ciencias Económicas de la Universidad de Buenos Aires) convocan a la presentación de trabajos para el seminario internacional sobre "Estrategias contra la pobreza: alternativas desde el Sur" que se realizará del 1 al 3 de diciembre en Buenos Aires, Argentina. El objetivo del mismo es contribuir, desde una perspectiva crítica y multidisciplinaria, a mejorar el entendimiento de las condiciones que permiten la retroalimentación del círculo vicioso pobreza-desigualdad que favorece la reproducción de estos fenómenos sociales en toda la región.

La fecha límite para la presentación de resúmenes de ponencias es el 15 de septiembre de 2009*.

(*) Se ha prorrogado una semana la presentación de resúmenes de ponencias. **El plazo vence el 19 de Octubre de 2009**

Expediente
Reitor
Profº Ricardo Vieiralves de Castro
Vice-reitora
Profª Maria Christina Paixão Maioli
Sub-reitora de Graduação
Profª Lená Medeiros de Menezes
Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Profª Monica da Costa Pereira Lavalle Heilbron
Sub-reitoria de Extensão e Cultura
Profª Regina Lúcia Monteiro Henriques
Diretor do Centro de Ciências Sociais
Profº. Domenico Mandarino
Coordenadora do PROEALC
Profª Silene de Moraes Freire
Editora Responsável
Profª Dra. Silene de Moraes Freire

Assistente Editorial
Talita Freire Moreira Anacleto (PROEALC/CCS/UERJ)
Coordenação de Produção
Andréia de Souza de Carvalho (PROEALC/CCS/UERJ)
Talita Freire Moreira Anacleto (PROEALC/CCS/UERJ)
Colaboradores
Fernanda Aguiar de Melo (PROEALC/FSS/UERJ)
Projeto Gráfico
Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (FSS/CCS/UERJ)
Diagramação
Talita Freire Moreira Anacleto (PROEALC/CCS/UERJ)
Revisão
Os textos publicados são de responsabilidades dos autores